



## Eu era um lindo cuco...

...que lindo cuco eu era

Mas deixei de “cucar”, mais que fazer não sei.

Cansado estou da vida, não posso “cucar” mais;

Volto a Gilwell onde esta voz renovarei.

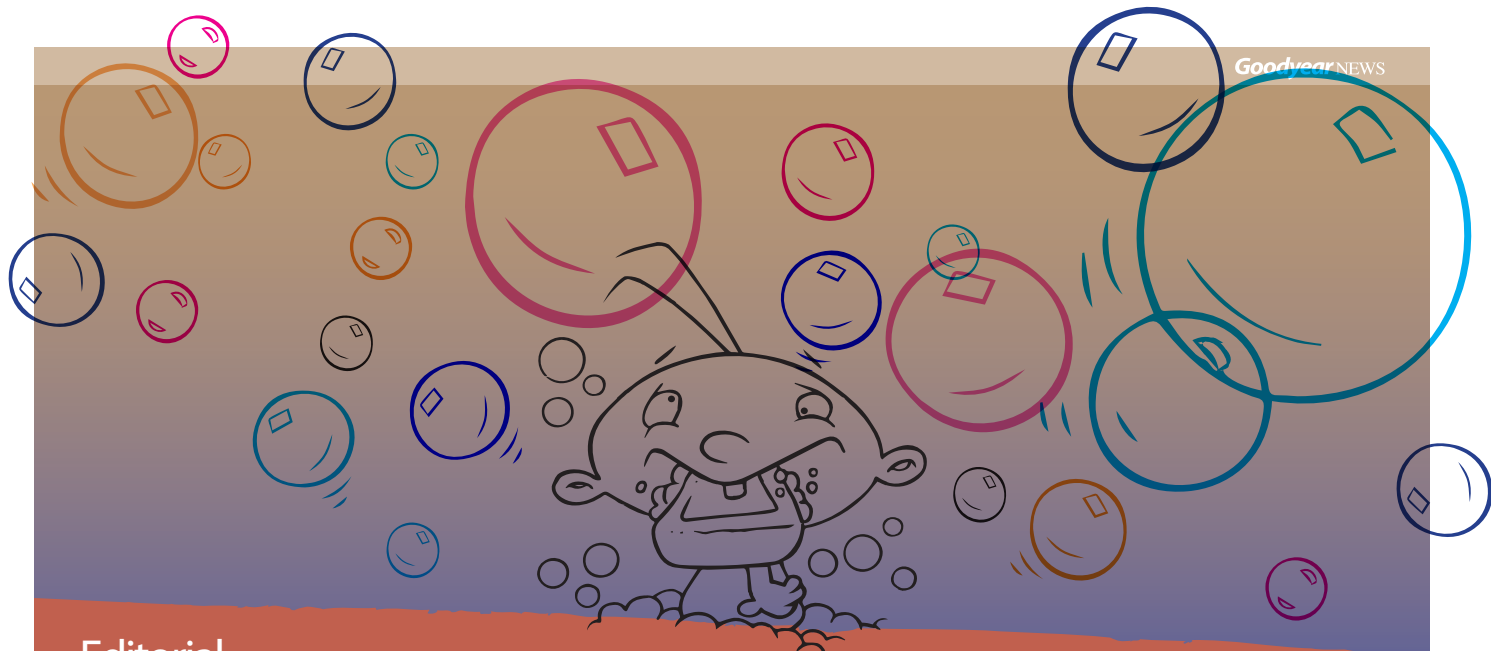
**Gilwell, Gilwell, cá voltei**

**Meu canto à tua sombra renovei.**

Quantas vezes, ao entoar aquela canção, eu me apercebo que cada um de nós foi já, de certeza, ‘cuco’ na vida de alguém: motivador, curioso, inquisidor, dador discreto... e que, em momentos em que nos ‘damos e esgotamos’, temos sempre onde nos refugiar – os nossos valores, o nosso conteúdo e esta mística que nos preenche e nos renova. E porque é que o cuco canta? ...porque faz parte da sua natureza!

Paulo Valdez





## Editorial

# “Ensinar os ignorantes”<sup>1</sup>

Carlos Nobre  
Castor inteligente

Vivemos o e no tempo presente, nele nos inserimos e nele nos conformamos. Este tempo “faz-nos” e simultaneamente alguns de nós são seus “fazedores”, seus líderes e seus criadores. Definir as suas características e decompô-las para melhor o entender é deveras difícil. É como pedir a um peixe para sair do aquário e demandar-lhe que explique como é tudo dentro de água! É a sua “água”, isto é, o seu ar, a sua vida! Ainda assim vou arriscar...

Têm-se acentuado desde o último quartel do século passado as tendências de secularização e de dessacralização da nossa sociedade, sobretudo da ocidental (a que aqui me ocupa) e mais especificamente aquela em que nos inserimos e a que chamamos vulgarmente “o primeiro mundo” (de que faz parte Portugal). Caracteriza-se a primeira sobretudo pela afirmação das coisas do século, ligadas à vida do homem e do mundo (a natureza, a ciência, a técnica, etc.), por uma clara separação entre religião e sociedade com a diferenciação tanto ao nível ideológico como institucional, e na esfera ética pela aceitação de uma moral pragmática (prática) em que as necessidades atuais passam a ser a fonte mais importante das motivações humanas por oposição à moral tradicional que atuava com vista a uma vida futura. A dessacralização impõe-se mais pela negativa, uma vez que se conclui que se afinal o homem tudo pode, tudo faz, tudo explica... então não precisa do sagrado, nem da religião, nem do divino. E... o passo seguinte é inexoravelmente a eliminação de Deus da vida do Homem!

Aos nossos dias juntaram-se ainda mais duas características que devemos ter em conta. A mais significativa é aquela que nos faz conhecer a realidade, que nos informa, que nos mantém sempre pendentes da notícia, de novas informações e novidades. Aqui ou do outro lado do mundo, não importa, o que acontecer, é! Tão só, é. Mas só é, se nos for comunicado pelos media. No limite, só existe o que passa na televisão! Então há que ter em conta que entre os acontecimentos e eu, existe uma “estrutura” que escolhe a notícia, os temas e assuntos, os acontecimentos e que os interpreta, os transforma e no-os apresenta. O que chama a atenção, o que faz com que se ouça o acontecimento ou a notícia já não é a sua importância ou extensão mas a resposta a audiências ávidas (muitas vezes de escândalos, de agitação e de indignação) e a mercados exigentes.

Ainda temos que juntar nesta “sopa” o relativismo que em tudo respiramos. Tudo vale, tudo é verdade, tudo se explica... O conhecimento, a ética, os comportamentos, são relativos, isto é, dependem do tempo, das culturas, das civilizações... em suma, tudo é relativo, recusando toda e qualquer verdade ou valor tidos como absolutos! Daí que, se andarmos atentos e no meio do mundo, verificamos que todos sabem de tudo, todos têm opinião de tudo, todos se supõem formados para decidir sobre tudo, etc, etc...

Perguntamos nós hoje, como perguntaram a Jesus: “*Que havemos de fazer?*”? E Ele respondeu: “*A obra de Deus é esta: crer naquele que Ele enviou.*”<sup>2</sup>

A qualidade da Fé depende disto: Crer naquele que o Pai enviou e fazer o que Ele nos manda. Afinal o que é que acreditamos em Jesus Cristo? Afinal o que é e o que não é acreditar em Jesus Cristo? Tomé, segundo os relatos do evangelho, precisou de “algo empírico” para acreditar em Jesus. E... isso não é fé nenhuma! A fé é para a vida e para a morte. “*É ter fome, é ter sede de infinito! É amar-te, assim, perdidamente... É seres alma, e sangue, e vida em mim. E dizê-lo cantando a toda a gente!*”<sup>3</sup> Não sei dizê-lo melhor, senão pedindo emprestadas estas palavras à poetisa...

E tudo isto na vida de todos os dias, no “metro quadrado” das nossas relações, neste mundo que é o nosso, aquele que nos é dado viver, tal como é e como acima se caracteriza. Com todas as pessoas com quem estamos neste “turno” de devir, as que escolhemos e as que não escolhemos e que connosco, na imagem usada por S. Paulo, fazem esta corrida, esta estafeta...<sup>4</sup>

Se não for assim, seremos como bolas de sabão... mas à mais leve brisa, por mais coloridas ou grandes que sejam... puf!!! Parecemos... mas não somos!

(1) Obras de Misericórdia Espirituais

(2) Jo 6, 28-29

(3) Florbela Espanca

(4) Fl 3, 12-14



# Sentinela

## Cucos... e outros bichos

Paulo Valdez  
Cão guia

7h30 da manhã, estrada sem trânsito, com frio e o sol a nascer. Eu estava em trabalho, a caminho de Monfortinho com os meus dois colegas, e parámos na berma, ao lado da albufeira da barragem de Idanha-a-Velha. Tempo para esticar as pernas e beber café, do 'termos' que levei.

E, ali parados, ouvimos um cuco. Só um. E ficámos calados porque não se ouvia mais nada, nem vento, nem pessoas, nem sequer outros pássaros.

Durante uns minutos, o café arrefeceu na caneca mas aqueceu as mãos. O 'cu-co' que se ouvia muito nítido, esse, aquecia o coração. Quando voltámos para o carro, andámos à-vontade 10 minutos sem dizer nada, cada um voltado para os seus pensamentos, mais despertos, e não apenas pelo sol e o café.

Pois, eu sei que o cuco é tido como 'ave parasita' – segundo o parecer dos ornitólogos, porque aproveita ninhos alheios para depositar os seus ovos, para serem chocados e cuidados por outras aves de diferentes espécies. É também tido como um pássaro curioso, que investiga cuidadosamente o seu meio ambiente estudando os hábitos de outros pássaros, e lança pios sonoros para marcar a sua presença onde quer que esteja – embora seja visualmente discreto, voando no seu percurso de forma autónoma e, muitas vezes, em longas, longas distâncias.

Como não sou ornitólogo, sinto-me livre para dar uma interpretação como eu sei, à luz do que vivo e do que faço.

E então lembro-me do papel de "formadores": dos curiosos que somos, que procuramos ver e investigar o que nos rodeia; que olhamos e acompanhamos os percursos de formação dos nossos parceiros escuteiros; que vamos lançando um 'grito' que se ouve à distância, como nossa marca e maneira de estar pessoal; que voamos longos percursos de descoberta de forma autónoma e, por vezes, solitária; o 'visualmente discretos' – a dualidade da cor do lenço de Gilwell, discreta por fora, vermelha de fogo e emoção por dentro, na descrição que mais marcou a minha forma de estar no escutismo; e o depositarmos 'ovos em ninhos alheios', para que outros cuidem e os desenvolvam.

Sim, é um risco, entregarmo-nos e deixarmos um pouco de nós próprios – aqueles 'ovos' (embriões de conhecimento) do que somos, do que sabemos – para ser reinterpretado e desenvolvido por outros. Mas acho que isso faz mesmo parte da nossa natureza, como forma de perpetuar o que cada um foi descobrindo no seu caminho, que foi usando para si, para o seu viver e dos que o rodeiam.

O meu colega mais velho – o que ia a conduzir o carro – foi o primeiro a quebrar o silêncio. Começou a falar de si, consequência do 'eco' que ficou daquele piar do cuco, e da emoção e pensamento

que dali se desencadeou. Após uma breve pausa, o meu outro colega abriu-se connosco, partilhando sentimentos que, em ambiente dito 'profissional', não são falados ou não existem (ou então, se disfarçam muito bem), envolvendo-nos numa partilha de vivência de alguém que, sendo já por nós conhecido, revelou algo 'novo' de si mesmo... (um Homem Novo, diria eu?) ...

Quando eu falei, fi-lo consciente de que já tinha aprendido algo mais ali, escutando 'vida partilhada' e transpondo-a para a minha própria realidade, enriquecendo-a. Já não foi só o canto do pássaro: foi também o 'falar' dos meus dois colegas e o reinterpretar das suas experiências e conhecimento, à luz daquilo que eu sou, que me fez olhar para mim e crescer no meu próprio conhecimento e partilhar o que partilhei.

O cuco, ali, foi o que despoletou tudo o que se passou. O seu cantar tocou-nos, e mexeu connosco 'por dentro'. Não nos ensinou nada de novo, mas estimulou algo que já existia em nós e que, por vergonha ou outros respetos humanos, não tínhamos deixado vir 'à superfície'. A sua presença quase invisível, mas audível, promoveu um reajuste dentro de cada um.

Quantas vezes, ao entoar aquela canção *"...eu era um lindo cuco/ que lindo cuco eu era/..., .../cansado estou da vida/ não posso cucar mais/ volto a Gilwell onde esta voz renovarei"*, eu me apercebo que cada um de nós foi já, de certeza, 'cuco' na vida de alguém: motivador, curioso, inquisidor, dador discreto... e que, em momentos em que nos 'damos e esgotamos', temos sempre onde nos refugiar – os nossos valores, o nosso conteúdo e esta mística que nos preenche e nos renova. E porque é que o cuco canta? ...porque faz parte da sua natureza!

Há um sentimento de gratidão que me habita quando saio de uma formação, não apenas pelo que dou, mas pelo muito que recebo, pelo que relembro, pelo que vivo. Pela sensação de 'pertença', de ter algo que partilho com 'outros' para bem de 'muitos', de compensar a curiosidade e vontade de saber de alguns, com as descobertas que eu próprio fiz para me conduzir a mim mesmo. E a curiosidade leva-nos sempre mais longe.

Ninguém nasce ensinado, é certo, mas também é mau pensarmos que já sabemos tudo...de tudo. Aprender é um processo e implica vontade, ação e rumo, e é um bom sinal de que estamos vivos e a interagir com o que nos rodeia. É também o que nos mantém 'jovens de espírito' – constatar que ainda não 'cristalizámos', que podemos aprender sempre e progredir enquanto pessoas, qualquer que seja a nossa idade. Sem dúvida, aprender é um exercício de Humildade, que nos torna tão iguais àqueles que caminham connosco a descobrir o Mundo, sejam de que idade forem – crianças ou adultos. Diferenças? ...apenas a curiosidade, e a experiência de Vida que marca o Trilho de cada um. Aprendendo e ensinando. Vivendo e ensinando a viver. Descobrimos a cada momento os passos do seu próprio Percurso. Para chegarmos um dia ao que queremos Ser.





## Para lá da cerca

# Acreditar... a economia da fé

Prof. João César das Neves

Universidade Católica Portuguesa - Lisboa

Um homem que dizia coisas impossíveis. É isso que é Jesus. Antes de mais nada Ele é um homem que diz coisas impossíveis: «*Eu sou o Pão da vida*» (Jo 6, 35-41), «*Eu sou a Luz do mundo*» (Jo 9, 5), «*Eu sou a Porta*» (Jo 10, 9), «*Eu sou o Bom Pastor*» (Jo 10,11 e 14), «*Eu sou a Ressurreição e a Vida*» (Jo 11,25), «*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida*» (Jo 14, 6), «*Eu sou a Videira*» (Jo 15, 1 e 5).

Não é possível considerar a economia da fé cristã sem começar por este ponto decisivo: Jesus diz coisas impossíveis. As outras religiões, por muito que se baseiem no maravilhoso, nunca afirmaram coisas tão espantosas e inacreditáveis.

No fundo, todas estas estranhas afirmações de Jesus se podem resumir num único ponto: Jesus pretende ser Deus. Este facto extraordinário constitui o centro da fé cristã. Jesus é Deus. «*O que o meu Pai me deu vale mais que tudo e ninguém o pode arrancar da mão do Pai. Eu e o Pai somos Um*» (Jo 10, 29-30). «*Abraão, vosso pai, exultou pensando em ver o meu dia; viu-o e ficou feliz*». Disseram-lhe, então, os judeus: «*Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?*» Jesus respondeu-lhes: «*Em verdade, em verdade vos digo: antes de Abraão existir, Eu sou!*» (Jo 8, 56-58).

O que este homem diz é aparentemente uma tolice. Os judeus têm razão: Ele não tem cinquenta anos e diz conhecer Abraão!? Pior do que isso, Ele faz-se igual a Deus, dizendo ser um com o Pai e usando para si o nome de Deus: Javé, «Eu sou». Perante isto, o que é razoável é desprezá-lo como louco ou, pior, castigá-lo como blasfemador. É precisamente isso que os judeus tentam fazer: «*Então, agarraram em pedras para lhe atirarem. Mas Jesus escondeu-se e saiu do templo*» (Jo 8, 59), «*Então, os judeus voltaram a pegar em pedras para o apedrejarem*» (Jo 10, 31).

Mas Jesus não é um louco qualquer. Existe n'Ele algo que não permite descartá-lo como tonto: as obras que faz. É esse mesmo o testemunho que Ele invoca, como prova daquilo que diz: «*Mostrei-vos muitas obras boas da parte do Pai; por qual dessas obras me quereis apedrejar?*» Responderam-lhe os judeus: «*Não te queremos apedrejar por qualquer obra boa, mas por uma blasfémia: é que Tu, sendo um homem, a ti próprio te fazes Deus.*» Jesus respondeu-lhes: «*(...) Se não faço as obras do meu Pai, não acrediteis em mim; mas se as faço, embora não queirais acreditar em mim, acreditai nas obras, e assim vireis a saber e ficareis a compreender que o Pai está em mim e Eu no Pai*» (Jo 10, 32-34, 37-38).

Este é o ponto de partida da nossa fé. Encontrámos um homem que faz coisas impossíveis e diz coisas impossíveis. Hoje, dois mil anos depois, não conseguimos ver os cegos a verem, os coxos a andarem, os leprosos a serem limpos, os mortos a ressuscitarem.

No entanto, podemos ainda ver na acção da Igreja os factos espantosos que não permitem descartar a Sua doutrina como uma tolice espiritual ou uma poesia bela mas abstracta.

Dezenas de pessoas à minha volta têm as suas vidas mudadas por causa do que esse homem diz e faz. Hoje, como nas margens do lago de Genasé, posso testemunhar as obras que Ele continua a fazer, na vida das pessoas à minha volta. O que isso significa é que a Sua presença tem um efeito que é inegável. Ninguém no mundo pode duvidar que a vida e a palavra de Jesus de Nazaré faz diferença. Faz uma enorme diferença na história do mundo e na história concreta de muitas pessoas.

Aqui chegamos finalmente à questão da economia da fé. Para o compreender basta contemplar por momentos a possibilidade de aquilo que Jesus diz ser verdade. As suas obras espantosas e os efeitos delas, que chegaram até mim, tornam impossível ignorar essa possibilidade. Não vale a pena dizer que, se vou atender ao que Jesus diz, devo também atender ao que dizem milhares e milhares de outros mestres espirituais ou fundadores de religiões. Ele evidentemente está noutra categoria. Noutra categoria pelo que diz, as coisas impossíveis que diz, e noutra categoria pelo que faz, pelas coisas impossíveis que faz.

Houve, ao longo da história, muitos mestres espirituais, muitos líderes religiosos, muitos pensadores inspirados. Mas nenhum deles alguma vez afirmou de si mesmo ser Deus, o próprio Deus altíssimo. Os que afirmam esta coisa costumam estar no asilo de loucos, não na origem de movimentos espirituais. Além disso, de mais nenhuma pessoa se diz que ressuscitou dos mortos, que está presente no pão e vinho consagrados. Aquilo que se diz de Jesus é totalmente incomparável com o que se afirma de qualquer outra pessoa à face desta Terra.

Mais impressionante ainda, aquilo que se diz d'Ele não variou ao longo do tempo. Várias pessoas, consideradas humanas nesta vida, foram depois de mortas divinizadas, como Buda ou o imperador Augusto, por exemplo. Muitas outras, que eram muito consideradas em vida, vieram depois a ver a sua imagem fenecer. De Jesus, aquilo que os seus discípulos diziam em vida é precisamente o mesmo que hoje afirmam os milhões dos seus seguidores actuais. «*Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e pelos séculos*» (Heb 13, 8).

A principal consequência destes factos é que eu não posso deixar de contemplar a possibilidade de aquilo que Jesus diz ser verdade. Posso acreditar ou negar, mas ignorar é uma atitude irresponsável. Perante Jesus ninguém razoável pode ficar indiferente.







## Para lá da cerca

Mas contemplar as afirmações de Cristo gera uma segunda fase da economia da fé. Porque se o que Ele diz é verdade, então a minha vida muda completamente. Se o Deus que me criou e me colocou nesta Terra veio a este mundo, algo de essencial para a minha existência aconteceu. O simples facto de ser verdade que Jesus é quem diz ser, tem enorme impacto na minha conduta. Porque Ele diz ser a pessoa mais importante para mim.

Jesus afirma ser a origem da minha pessoa e o destino da minha pessoa. Aquele que fez o Céu e a Terra e que os conduz na sua evolução. Aquele que me criou a mim e a todos os que me rodeiam, que nos conhece a todos intimamente. «É nele, realmente, que vivemos, nos movemos e existimos» (Act 17, 28).

Mas há mais. Não apenas a simples presença de Cristo constitui o facto mais relevante e determinante da história da humanidade, e também da minha humanidade, mas aquilo que Ele vem dizer ainda aumenta mais essa relevância. Porque aquilo que o Senhor do universo nos veio dizer é que Deus é amor (cf. 1Jo 4, 8 e 16): «*Deus amou tanto o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna. De facto, Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele. Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no Filho Unigénito de Deus. E a condenação está nisto: a Luz veio ao mundo, e os homens preferiram as trevas à Luz, porque as suas obras eram más. De facto, quem pratica o mal odeia a Luz e não se aproxima da Luz para que as suas acções não sejam desmascaradas. Mas quem pratica a verdade aproxima-se da Luz, de modo a tornar-se claro que os seus actos são feitos segundo Deus*» (Jo 3, 16-21).

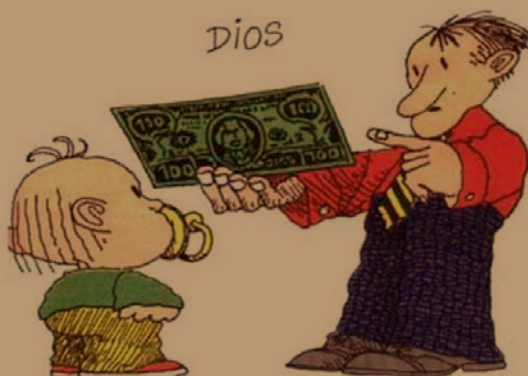
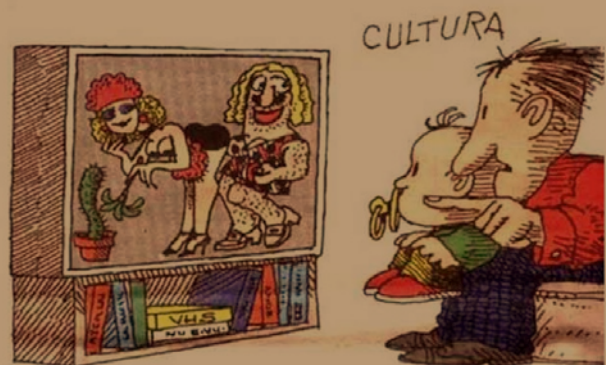
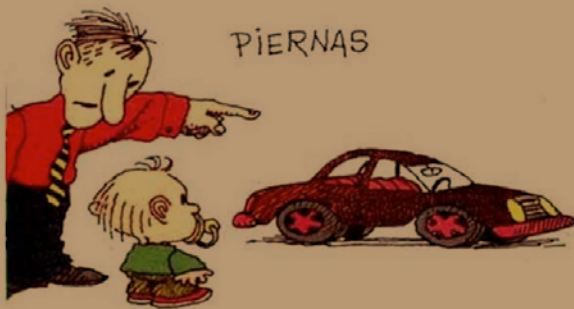
O que Jesus diz é que Deus acompanha amorosamente cada passo da minha vida e me destina para uma vida de eterna comunhão consigo mesmo. O que Cristo vem fazer é trazer já a este vale de lágrimas um pedacinho do Céu. A forma como isso acontece é pelo mandamento novo: «*Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros*» (Jo 13, 34-35).

Este amor é a forma de mudar o mundo. É por ele que os actos de Cristo chegam até nós. É por esse amor que o Céu acontece já aqui: «*Assim como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós. Permanecei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como Eu, que tenho guardado os mandamentos do meu Pai, também permaneço no seu amor. Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa*» (Jo 15, 9-11).

Deste modo, a economia da fé leva-nos à economia da caridade, por meio da economia da esperança. Despertado pelas coisas únicas que Jesus diz e faz, acredito na Sua palavra. Imediatamente ao fazê-lo abrem-se diante de mim as portas da vida eterna e a minha vida adquire uma esperança que muda o sentido de tudo o mais. A partir de então os obstáculos, sofrimentos e alegrias passam a ser inseridos numa vida em Deus. Mas essa vida acontece já aqui, porque amo e sou amado com o amor que Deus tem por Si mesmo. E nessa caridade mudo o mundo, a começar por mim mesmo.



"Exemplos que funcionam"  
Educar para a vida  
QUINO



ES IMPORTANTE QUE DESDE PEQUEÑO  
APRENDA BIEN CÓMO ES TODO.



©



## Quando rezares



Pe. Renato Poças  
Cão pastor  
Assistente Regional do Porto



ANO DA FÉ  
2012 2013



Olá.

Há muito que me quero encontrar contigo, caro Escuteiro. Ainda bem que quiseste visitar-me.

Eu sou o \* <sup>2</sup>. Tenho usos variados. Na maior parte das vezes assumo uma posição discreta, por vezes escondida.

Alguns usam-me com o objetivo de “disfarçar” algo. Não por não ser importante, mas normalmente por ser “incómodo”. Nestes casos eu apenas apareço porque sou obrigado a aparecer. A maior parte das pessoas não me vê, mas eu estou sempre ao lado do que se denomina de “segredo”, já diz o ditado: “o segredo é a alma do negócio”. Por isso, por vezes o negócio depende mais de mim do que de tudo o resto. Queres um exemplo? Repara nas publicidades e contratos que circulam por aí. Não me costumam ver? Apenas um bom observador me vê.

Mas nem sempre me usam negativamente. Também consigo fazer as pessoas parar a sua corrente leitura para a enriquecer com algum conteúdo extra.

Como vês ser \* não é de todo fácil.

Agora que já te disse um pouco do que sou, vou falar-te de Alguém que passa exatamente pelas mesmas dificuldades que eu.

É Amigo meu de longa data.

Conhecemo-nos pela primeira vez na terra dos esquecidos. Ele já lá vivia quando fui para lá morar. Disseram-me os vizinhos que foi o primeiro “habitante” daquela terra.

As nossas tristezas, alegrias e esperanças eram quase as mesmas, facilmente travamos amizade. Quanto mais falávamos, mais descobríamos que tínhamos muita coisa em comum. Ele foi sempre mais paciente que eu. Partilhava as tristezas com alguma mágoa, mas no final sorria sempre dizendo com voz

calma:

- *Vamos dar tempo ao tempo.*

A sua capacidade de amar era divinal.

Naquela terra onde habitavam os esquecidos e os ignorados não havia ninguém que Ele não conhecesse pelo nome. Conhecia as suas vidas, as suas histórias e sabia muito bem como os animar. Não descansava um segundo, pois sabia que naquela terra cada vez habitava mais gente e isso tirava-Lhe o sono.

Um dia fui visitá-lo a casa. Descobri que tinha um Filho e que com eles residia um Espírito que pela sua identidade eu garanto ser Santo.

Deixavam muitas vezes aquela casa.

Mudavam-se regularmente para a terra dos lembrados (Ele chamava-Lhe dos fiéis), dos aflitos, mas onde passavam mais tempo era na terra dos perdidos e desanimados. Mas, independentemente do tempo que passavam por lá, regressavam novamente para a terra dos esquecidos.

Enquanto os conheci algo em mim mudou para sempre, não sei explicar porquê...

Uma vez tive uma conversa séria com Ele. Perguntei-Lhe onde era costume Ele estar para que as pessoas o pudessem ver. Para que entendesse melhor a pergunta contei-Lhe que eu andava normalmente pelos rodapés das páginas, nas laterais dos cartazes publicitários, nas costas dos contratos e, por vezes, até de cor e tamanho diferentes de todos os outros da minha espécie.

Ele respondeu-me com certa nostalgia:

- *Sabes, caro amigo, eu ando por todo o lado, mas pouca gente me consegue ver. Comecei por andar na natureza a saborear a obra que fiz (criação). Depois, como criei um ser a quem amo profundamente (ser humano), andei anos e anos à volta dele mas ele facilmente se esquecia de Mim. Decidi entrar no seu coração mas este revelou-se duro.*

*Como não vi alternativa, pedi ao meu querido e amado Filho Jesus*

<sup>1</sup> Por favor, lê o texto e segue as instruções que eu te der.

<sup>2</sup> Asterisco. Regra geral coloca-se neste lugar, mas por breves momentos vou mudar de posição.



ANO DA FÉ  
2012 2013

para visitar este ser, para que ele me pudesse ver de uma forma muito concreta e real. Aqui muitos acreditaram porque viram, embora eu ache que felizes são os que “acreditam sem terem visto”.

Dos que me viram, o meu Filho, que teve de morrer para se revelar verdadeiramente, escolheu doze e neles confiou a minha “imagem”. Mas sabes, temi que eles se voltassem a esquecer de Nós, por isso um de Nós ficou para sempre presente na terra para que a humanidade que amo se vá recordando de mim.

Instituí para eles os sacramentos que continuam a ser o ponto mais alto da minha comunhão com eles. Pela força do nosso Espírito vivemos momentos de plena intimidade. Deixei vários, mas os fundamentais são três. Sabes como se chamam? Olha que nomes bonitos: Baptismo, Confirmação e Eucaristia. Eles estão ao alcance de todos, mas nem todos os alcançam.

Através deles continuo a tornar-me presente no meio dos homens. No **Batismo** pela água derramada.

Na **Confirmação** pelo óleo perfumado com que são ungidos.

Na **Eucaristia** pelo **pão e vinho**. Estes, uma vez consagrados, tornam-se presença real de nós os três.

Imagina de quantos modos eu apareço na vida de cada um e de formas tão visíveis. Agora pensa, caro amigo, porque é que te venho visitar a esta terra dos esquecidos tantas vezes? Não sei o que possa fazer mais...

Foi com estas palavras que entre mim e Ele se criou aquele silêncio que dispensa as palavras. E ficámos por ali, apenas juntos.

**Agora, caro Escuteiro, cabe-me a mim, que ando sempre escondido, quebrar este silêncio.**



Este meu Amigo merece que eu faça sua memória, por isso agora vais fazer o que te peço.

Levanta-te e dirige-te ao painel com uma paisagem e observa o que vês nele. Isso é apenas uma amostra do que Ele Criou. Bonito, não é? Diante de ti tens uma taça com água. Vai até junto dela e molha os teus dedos e lembra-te do que Ele me contou – Eu torno-me presente no coração deles através da água no dia do seu Batismo.

No dia do teu Batismo não reparaste, mas Ele esteve lá. Agradece-Lhe. A partir do dia do teu Batismo (sabes qual foi?) Ele nunca mais deixou de andar contigo, porque nesse dia tu, pelos teus pais e padrinhos, lhe disseste que querias ser seu filho. Saboreia este momento. Em gesto de memória benze-te com a água.

Agora, peço-te que te desloques para junto do outro painel com uma paisagem, no qual continuarás a contemplar a sua criação. Diante de ti tens duas jarras com ervas aromáticas. Sentes o cheiro? Lembras-te de o meu amigo me ter contado que Ele também se tornava presente pelo sacramento da confirmação através do óleo? Esse óleo não é um simples óleo. É óleo perfumado com o qual és ungido no dia do teu crisma. Lembras-te desse dia? E lembras-te de ter sentido a presença de Deus nesse dia? Fico contente por saber que O sentiste presente. Teria muita pena se tivesse sido apenas mais um dia na tua vida. E mais pena teria se o meu amigo não tivesse feito parte dele. Recorda esse dia enquanto sentes o perfume que te envolve.

Agora, desloca-te para o fundo da sala e aí deves sentar-te. Lembras-te do meu amigo ter afirmado que na Eucaristia Ele





ANO DA FÉ  
2012 2013

está presente de uma forma real? Ele está agora diante de ti. Olha que foi mais fácil trazê-lo da terra dos esquecidos até aqui do que trazer-te a ti até à terra dos lembrados (a quem Ele chama fiéis). A partir deste momento regressarei para o sítio onde costumo estar \* (lá em baixo)<sup>3</sup>.

### Salmo 139

Se não tiveste tempo suficiente para estar com Ele, porque não voltas mais logo?

Como sabes, Ele na sagrada Eucaristia torna-se presente através do pão. Como gesto simbólico pega tu também num pouco de pão que tens ao dispor e saboreia-o.

Desafio-te a outra coisa. O meu amigo não gosta muito de vier na terra dos esquecidos, por isso arranja um lugar para Ele habitar no teu coração. Eu ficarei para sempre na terra dos esquecidos, criaram-me para isso, mas Ele não. Ele criou-te para te lembrares dele e para com Ele poderes ser feliz. Espero ter conseguido fazer aquilo que lhe prometi - avivar a Sua presença no teu coração.

Acabado este pequeno percurso, já sentiste o meu amigo de vários modos:

- Tocaste a pureza das águas
- Cheiraste o odor do óleo
- Viste as suas palavras
- Ouviste a Sua voz (se Lhe destes tempo para tal)
- Saboreaste o seu pão.

<sup>3</sup> Para que tu possas falar com Ele. Convido-te a ler o salmo 139 (todo ou parte dele) presente na Bíblia que tens junto de ti.



Todos os teus sentidos O sentiram, mas fica a pergunta:

### Tu sentiste-O?

Adeus, querido amigo Escuteiro, gostei mesmo muito deste pouco tempo que passámos juntos. Deu para te falar d'Aquele que vive sempre com saudades de ti. Sabes, ser discreto não é fácil, mas ser "ignorado" é extremamente doloroso.

Espero que tenhas gostado da minha companhia e que nunca mais te esqueças que, por mais escondido ou discreto que Ele esteja na tua vida, uma vez disse-me baixinho: *"Eu estarei sempre convosco todos os dias, até ao fim dos tempos"* (Mt 28,20). Hoje volta a dizer-to a ti.

Volta sempre. Ele espera-te constante e pacientemente.\*<sup>4</sup>

### NOTA

O espaço onde acontece este momento de oração tem de ser previa e cuidadosamente preparado. Deverá ser acolhedor, digno, ética e esteticamente pensado. Material necessário: painéis de paisagens a revestir algumas paredes, tecidos pendurados de forma a formar uma espécie de tenda, almofadas para as pessoas se sentarem, mesas baixas ou blocos de madeira onde colocar os diversos objetos (taça com água, cesto com pão, velas), diversas Bíblias, vasos grandes de barro com braçadas de alecrim, sacrário em lugar central e visível de qualquer ângulo deste espaço. É fundamental que este espaço esteja retirado ou isolado de fontes de ruído exterior, de forma a permitir o silêncio.

<sup>4</sup> la-me esquecendo. Neste caso especial não me trates por asterisco, trata-me antes por "amigo" de Deus porque, afinal de contas, Deus é o nome do meu amigo.





# A experiência de pedir<sup>1</sup>

Matilde Santos  
Mocho paciente

Há cerca de dois anos e meio, tempo de vida desta newsletter, que tenho vindo a fazer a experiência de pedir. Pedir artigos... a formadores, a responsáveis regionais e nacionais, a diretores de curso e também a pessoas externas ao CNE. Aquilo que inicialmente parecia ser uma tarefa frustrante, pela escassez de respostas, tem vindo a revelar-se uma experiência maravilhosa.

Pedir algo a alguém significa, antes de mais, reconhecer a nossa condição de necessitar do outro e assumir a recusa por uma atitude de autossuficiência. No ato de pedir está subjacente a esperança de que o outro me pode ajudar de alguma forma. Desde já estão presentes neste ato um Eu e um Tu.

Faço pedidos a pessoas que conheço e com quem já falei mais de perto, a pessoas que me são próximas ou pelo menos com quem já privei em algumas ocasiões; mas também o faço a pessoas com quem nunca falei, que eu não conheço e que não me conhecem, a pessoas de quem apenas conheço o nome e a reputação. Em todas elas está o outro, aquele ou aquela a quem eu peço um artigo.

Ao longo desta experiência habituei-me a não fazer conjecturas sobre a possível resposta ao pedido feito. Limito-me a esperar... e a pedir, a pedir de novo, uma e outra vez, não mais. Do outro lado está um Tu que eu preciso de respeitar na sua resposta, seja ela positiva ou negativa, ou mesmo no seu silêncio.

É extremamente gratificante fazer um pedido e, passados uns dias, ao abrir a caixa de correio, ver a resposta: «agradeço o seu pedido, não sei se estou à altura, vou tentar corresponder, para quando precisa do artigo e com quantos carateres». A abertura e o acolhimento do outro, envoltos em humildade, vêm de encontro ao meu pedido e à minha necessidade. Pedir, neste contexto, significa envolver, valorizar, respeitar o ponto de vista do outro, mesmo que discorde do meu.

Quando peço nunca o faço em nome próprio, mas sempre em nosso nome e para nós. E quem é este nós? Os formadores do CNE, a quem se destina e de quem depende a newsletter Goodyear. Pedir e acolher um pedido é uma das condições essenciais para a construção de uma comunidade. Não se trata aqui de saber se um dá mais do que o outro. Trata-se, isso sim, do ato de partilhar, de por em comum, de ajudar a construir um corpo, de se deixar envolver, de reconhecer e valorizar a pluralidade. Não importa se se dá mais ou menos. O que importa mesmo é dar o lugar que a cada um é devido; e de ocupar o lugar a que cada um tem direito. E o que cada um partilha é o que cada um é, e sabe, e é capaz. Não é por isso que tem menos valor. Pelo contrário. Isso nos mostra a esmola da viúva (cf. Lc 21, 1-4).



Não se pode confundir pedir com mandar. Quem pede dá a primazia ao outro. Quem manda coloca-se em primeiro lugar. E é tão fácil cair na tentação de mandar disfarçada de pedido! O pedir não se faz acompanhar de um título ou de um cargo, ou outro tipo de ascendente. Não quero com isto dizer que se devem omitir os títulos ou os cargos. Quero dizer, isso sim, que o pedido tem de ser feito de pessoa para pessoa, tem de ser honesto, respeitoso, salvaguardando a identidade toda daquele a quem se pede; e não se limitando a querer simplesmente tirar partido de uma sua competência específica. Um pedido nunca pode ser interesseiro.

Mas ganha muito se for interessante. Pedir um artigo supõe saber, com alguma objetividade, o que se pretende pedir e a quem pedir. Não se pode ficar à espera que o outro responda a algo que pedimos de forma imprecisa, confusa, quando nós próprios evidenciamos não saber o que queremos. Por isso, pedir também obriga o Eu a refletir e a clarificar o que pretende.

No pedir joga-se todo o 5º Artigo da Lei: a delicadeza no trato e o respeito pelo outro facilitam e tornam agradável a vida em comum. Esta delicadeza não se esgota num conjunto de frases e de gestos, meramente convencionais, que se usam de forma utilitária. Vai muito para além de rituais balofo. A delicadeza presente no ato de pedir tem de vir de dentro, tem de vir do fundo, tem de vir do íntimo... pois só assim reconhece o outro e nele o Outro.

Vou continuar a pedir. Tenho muito ainda que aprender e que limar nesta arte. E pedirei sempre assente na esperança de que “todo aquele que pede recebe” (cf. Lc 11, 10). Pois no pedir reconheço que tudo o que sou me foi dado.

(1) Este texto foi rabiscado num dos átrios de espera do Hospital de São Sebastião, local por excelência onde se expõe toda a nossa fragilidade humana, e a inerente necessidade de que temos uns dos outros





# Excertos... Quem matou a Mudança?

Matilde Santos  
Mocho paciente

O sedã negro do agente Miguel Meireles deslizou até à porta principal da empresa ACME debaixo de um céu nocturno tempestuoso. A solitária luz azul que girava no capô contrastava de uma forma sinistra com os clarões dos relâmpagos distantes. Meireles saiu do automóvel, sacudiu as cinzas do sobretudo e inalou uma derradeira passa do seu charuto de má qualidade. Este era o seu terceiro caso de homicídio este mês, e todos partilhavam o mesmo sobrenome: Mudança. Na verdade, a investigação das mortes da Mudança convertera-se no trabalho da sua vida. Ao longo dos anos, emergira um padrão nítido para as mortes. A Mudança era introduzida numa empresa com graus variáveis de acolhimento. Ao que tudo indicava, ela começava a integrar-se na empresa e depois, sem aviso, era encontrada morta, na maior parte das vezes sem nenhum ferimento aparente. As provas eram sempre escassas e nunca tinha sido identificado nenhum perpetrador. Desta vez, Meireles estava determinado a apanhar o assassino. Apagou o charuto, retirou o bloco de apontamentos do bolso e encaminhou-se lentamente para a porta.

Deslizou sob a fita amarela da polícia que interditava a passagem e entrou na sala de reuniões. O espaço fervilhava de actividade. Um fotógrafo tirava fotografias da falecida a partir de diferentes ângulos, e grupos de duas ou três pessoas expunham as suas opiniões acerca do que tinha acontecido. Na extremidade da sala, o corpo da Mudança encontrava-se tombado sobre a mesa de reuniões. Longe do alcance da sua mão direita, encontrava-se um copo tombado. A mesa ainda estava húmida devido ao derrame do líquido. Um homem que Meireles não conhecia dirigiu-se a ele e entregou-lhe um papel dobrado.

– O médico legista pediu-me que lhe entregasse isto – disse.  
Meireles desdobrou o papel e leu:

- Trata-se provavelmente de um homicídio
- A causa de morte parece ter sido envenenamento
- A morte deve ter ocorrido entre as sete e as nove horas da manhã de hoje
- Mais informações depois da autópsia

O agente fez sair todas as pessoas da sala, fechou a porta e começou a sua investigação da cena do crime. Quando saiu uma hora mais tarde, havia uma mulher à sua espera do lado de fora da porta.

– O meu nome é Ana – disse. – Serei a sua assistente. Pediram-me que o ajudasse em tudo o que fosse preciso.

Meireles sabia quem eram os principais suspeitos pois já passara por isto várias vezes. Os suspeitos eram os do costume. Abriu o bloco de notas e observou a lista que preparara:

1. **Cultura** – define atitudes, crenças e padrões de comportamentos predominantes que caracterizam a empresa.
2. **Compromisso** – cria motivação e confiança nas pessoas de modo que estas se empenhem nos novos comportamentos requeridos pela Mudança.
3. **Patrocínio** – é um líder sénior que possui a autoridade formal para empregar recursos (ex.: tempo, dinheiro e pessoas) destinados à iniciação, implementação e sustentabilidade da Mudança; no fundo, é o responsável pelo sucesso da Mudança.
4. **Equipa de Liderança da Mudança** – lidera de forma activa a Mudança dentro da empresa, falando unanimemente com aqueles a quem é pedido que mudem e resolvendo as suas preocupações.
5. **Comunicação** – cria oportunidades de diálogo entre os líderes da Mudança e aqueles a quem é pedido que mudem.
6. **Urgência** – explica por que razão a Mudança é necessária e com que rapidez é preciso que as pessoas mudem a forma como operam.
7. **Visão** – pinta um quadro nítido e empolgante do futuro depois de a Mudança ter sido integrada com sucesso.
8. **Plano** – clarifica a prioridade da Mudança relativamente a outras iniciativas e responsabilidades; ...

## Queres saber quem matou a Mudança?

Então, continua a leitura no:

*Quem matou a mudança? Resolver o Mistério de Liderar Pessoas através da Mudança, Ken Blanchard, Gestãoplus Edições, Lisboa, 2010*

E depois partilha com todos o teu comentário!

Na edição nº 14 desta newsletter foi publicado um excerto que tinha por objetivo despertar a tua atenção. Acreditamos que não foi difícil encontrar a resposta para aqueles que a procuraram:

CNE - Caminho de Esperança,  
Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2012

# Naquele tempo...

## Um dia, chegou um homem...

A. Albrecht

Um dia, chegou um homem.  
Tinha calor na voz,  
encanto nas palavras  
e fascínio na mensagem.

Um dia, chegou um homem.  
Havia alegria nos seus olhos,  
liberdade nos seus gestos,  
e um futuro no seu destino.

Um dia, chegou um homem.  
Havia esperança nas suas obras,  
força no seu carácter  
e lealdade no seu coração.

Um dia, chegou um homem.  
Havia amor nos seus gestos,  
bondade nos seus olhares  
e misericórdia nas suas opções.

Um dia, chegou um homem.  
Havia um Pai nas suas orações,  
um confidente nas ansiedades  
e um Deus no seu grito.

Um dia, chegou um homem.  
Havia génio nas suas obras,  
fidelidade no seu coração  
e um sentido na sua morte.

Um dia, chegou um homem.  
Havia um tesouro no seu céu,  
uma vida na sua morte  
e uma ressurreição... na sua tumba.



## Bibliografia

### EDUCAÇÃO DE ADULTOS: vida no currículo e currículo na vida

Helena Luísa Martins Quintas

ANQ – Agência Nacional para a Qualificação

José Carlos Pinheiro  
Mocho peregrino

O tempo que vivemos, especialmente no CNE, com a recente aprovação do documento “Adultos no Escutismo” e do “Sistema de Formação de Adultos no Escutismo”, torna mais premente a permanente atualização de todos os intervenientes na formação, com especial responsabilidade para os Agentes Formativos (Equipa de Animação, Tutores, Formadores e Diretores de Formação).

A visada atualização e consequente capacidade de resposta às necessidades formativas obtém-se não só através de momentos formais de formação, mas também e com importância redobrada através do estudo e busca pessoal.

Neste contexto o livro “Educação de Adultos: vida no currículo e currículo na vida”, embora seja uma obra desenvolvida no âmbito da formação dos Cursos EFA, trata com especial interesse para os Formadores do CNE das questões da Formação de Adultos.

Este livro descreve uma investigação realizada no âmbito de cursos EFA.

O título escolhido pela autora – Educação de Adultos: vida no currículo e currículo na vida – pretende sintetizar a ideia chave em que este modelo curricular assenta e que consiste em acreditar que a vida de todos os dias se pode constituir no objeto da ação pedagógica e que conhecimentos e competências que se constroem podem adquirir mais sentido quando transportados para o quotidiano dos formandos.

O trabalho está dividido em quatro partes. A primeira apresenta conceitos fundamentais para a compreensão de processos de educação e formação de Adultos, discute-se o formador de pessoas adultas, o seu papel no processo educativo.

Na segunda parte caracteriza-se o objeto de estudo.

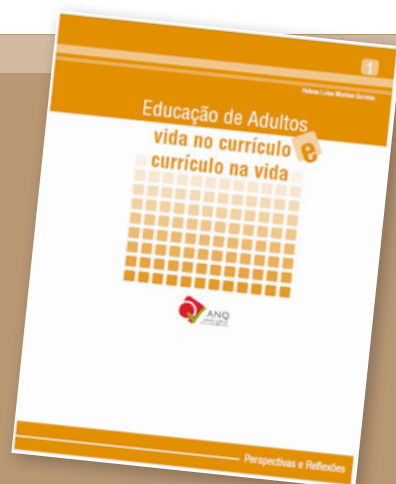
Na terceira parte são analisadas práticas de construção curricular em contexto de educação e for-

mação de adultos e na quarta parte deste trabalho (livro) apresentam-se conclusões do estudo, apontam-se limitações e são referidas algumas pistas para futuras investigações.

Nesta quarta e última parte diz a autora, em jeito de conclusão, que o que se pretende com esta obra é partilhar o trabalho que foi desenvolvido com quem intervém neste campo educativo e disponibilizar uma ferramenta que, eventualmente, possa auxiliar nas práticas de desenvolvimento curricular, quando o campo de intervenção é a educação e formação de adultos...

Esperamos ter-te suscitado a vontade de procurar este livro e de o ler!

Boas leituras.







## Formação de adultos... a história de uma aventura

# CAMPO ESCOLA NACIONAL

Publicado em "A Flor de Lis", nº7, 15 de Maio de 1935

### I – PASSADO

A nossa Associação tem procurado resolver o problema basilar da formação dos chefes, desde os seus primeiros anos. Compulsando a colecção de "A Flor de Lis", dois anos mais nova que o nosso movimento associativo, verifica-se que, logo nos primeiros números, este problema preocupa os dirigentes superiores e é estudado em primeiro plano. Desse estudo resultou a solução das Escolas Regionais que tem sido aplicada, mais ou menos, em todas as Regiões, especialmente nas do Porto e de Lisboa.

Ao cabo de dez anos de vida associativa verificou-se, porém, que a solução das Escolas Regionais – à qual deve, aliás, uma grande parte do incremento obtido – não correspondia já às necessidades e possibilidades do C.N.E. Não correspondia às necessidades, porque, essencialmente centralizadoras, as Escolas viam-se impossibilitadas de estender a sua acção à distância e produziam escasso rendimento. Por outro lado, a sua organização demasiado teórica e livresca não proporcionava aos candidatos a dirigentes a instrução prática que seria para desejar nem a formação do verdadeiro espírito escutista que é essencial num chefe. A solução das Escolas Regionais não correspondia também às possibilidades do C.N.E. no actual momento.

Graças a Deus, temos hoje em quasi todo o país dirigentes mais ou menos sabedores mas, em todo o caso, integrados no programa escutista. Valorizar ao máximo as qualidades desses dirigentes e torná-los agentes de aliciamento e formação de novos candidatos a instrutores – não estaria aqui a solução definitiva do encantado problema da aquisição de chefes?

O «Covil dos Lobitos» reaparecia há dois anos nas colunas de «A Flor de Lis» e agitava esta ideia, alvitando a criação do Campo-Escola Nacional, organizado em Patrulhas de Estudo segundo o conselho expresso por Baden-Powell em «O Guia do chefe Scout». Mas a campanha não provocava entusiasmos. Alvitrou-se mais a realização do I Acampamento Nacional de Dirigentes.

Silêncio. A alma da Associação parecia doente e sem esperança em melhores dias. Por fim, a Junta Central, reunida em Junho daquele ano, votou a realização deste Acampamento para Setembro.

Nesses dez dias memoráveis de Cacia, onde acamparam as primeiras Patrulhas de Estudo, a alma do C.N.E. vibrou de novo intensamente e afirmou mais uma vez a sua vitalidade. Foram então estudados as problemas mais urgentes da Associação. O Campo-Escola Nacional firmou aqui as suas bases.

### II – PRESENTE

É nessas bases, aprovadas depois pela Comissão Executiva, que se apoia o Regulamento adoptado. Segundo este Regulamento, o C.E.N. tem por fim *promover o aliciamento e a formação dos dirigentes técnicos do C.N.E.* Para atingir esse fim, confia a Associação na boa vontade de todos, especialmente dos dirigentes, em exercício. É indispensável que cada um de nós pertença desde já ao C.E.N. Não receamos afirmar até que a primeira obrigação associativa de um dirigente do C.N.E., no actual momento é fazer parte activa duma Patrulha de Estudo. Este movimento terá desde já o condão de congraçar mais intimamente os dirigentes duma mesma localidade; poderá insuflar-lhes mais entusiasmo e proporcionar-lhes novos meios de individual e técnica valorização.

Mas não devemos parar por aqui. Cada um de nós, sempre que for possível ou necessário, deve promover a formação de Patrulhas com elementos novos.

Todos temos, mais ou menos, nas nossas relações, alguns conhecidos e amigos nas condições regulamentares de admissão ao C.E.N. Porque não havemos de falar-lhes à alma, trazê-los às nossas fileiras e orientar desveladamente a sua formação escutista? É nesse sentido que se orientou o Regulamento do C.E.N. quando condiciona a aquisição de diplomas especiais à alínea a) do Artº 14º: *ser Guia duma Patrulha de Estudo pelo menos durante três meses.*

As provas de vários cursos são prestadas nas Regiões e, sempre que seja possível, na própria sede das Patrulhas de Estudo. Serão aproveitados, também para isso, os acampamentos regionais e gerais do C.N.E. Segue-se aqui um processo diferente do geralmente adoptado no Estrangeiro, onde os Campos-Escolas são fixos e pretende-se completar, assim, a descentralização do nosso Campo-Escola, *de carácter permanente e móvel.*

(...)

### III- FUTURO

Estamos todos convencidos da necessidade imperiosa deste movimento de aliciamento e formação de chefes. Por nossa parte, não mantemos também ilusões acerca da sua dificuldade.

Se este movimento não vingar, a culpa não será deste ou daquele mas de todos e cada um de nós. Para que ele vingue, segundo a formula agora oficialmente adoptada, é absolutamente necessário que cada dirigente em exercício se torne um apóstolo da sua organização, não só pela palavra que anima mas também pelo exemplo que arrasta.

Para isso, vamos, sem dúvida, lutar, lutar, para vencer a nossa má disposição, a nossa verdadeira ou aparente falta de tempo e mais condições de trabalho; para vencer ainda a tentação de seguir o mau exemplo de tantos que deviam trabalhar e nada fazem.

Meditemos um pouco. O que nos trouxe ao C.N.E.? Por certo, o desejo de dar honra e glória a Deus e de bem servir a Pátria. Pois a glória de Deus e o bem da Pátria exigem de nós, no momento conturbado que o mundo atravessa, além do exacto cumprimento da nossa Promessa solene, mais o dever de aliciar e formar novos soldados desta cruzada bendita.

Desertar, sob qualquer pretexto, seria, neste momento, uma covardia sem nome. Ocupar o posto que foi entregue à vossa guarda e manter uma atitude passiva em face dos superiores interesses da Associação – os interesses de Deus e da Pátria – seria mentir à nossa consciência e atraiçoar o movimento que abraçamos.

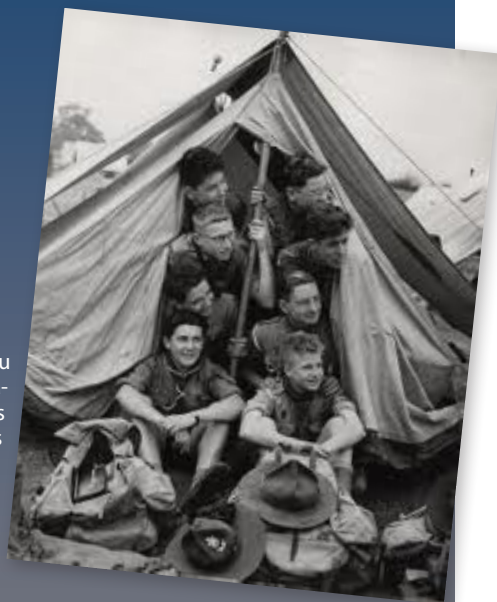
Qualquer destas soluções é absolutamente indigna dum verdadeiro Escuta.

Resta-nos, pois, a única solução admissível: lutar, vencer.

A luta depende de nós. A vitória pertence a Deus e à Pátria. Mas, se lutarmos com fé e perseverança, podemos ter a certeza da vitória, porque Deus e a Pátria estão connosco.

Cruzados desta nova conquista à luta com entusiasmos! Deus o quer!

Lobão



# ENFORMA/EDF 2013

TEMA

## Implementação do Sistema de Formação

### 6 e 7 de Julho

Campo-Escola de Fraião  
Região de Braga

Inscrições para o mail [ocunha@cne-escutismo.pt](mailto:ocunha@cne-escutismo.pt) até 10 de Junho

Custo: 27,00€ em camarata, 22,00€ em regime de acampamento, 17,00€ sem pernoita. Quem desejar ir na sexta-feira terá um acréscimo de 5€/pessoa.

Mais informações no site!



CORPO NACIONAL DE ESCUTAS  
Escutismo Católico Português



Equipa Nacional dos  
Adultos

[www.cne-escutismo.pt](http://www.cne-escutismo.pt)

## GoodyearNEWS

### Equipa Goodyear:

Carlos Nobre, Matilde Santos,  
José Carlos Pinheiro, Fernando Andrade.  
Design gráfico: Pedro Botelho

[goodyear@cne-escutismo.pt](mailto:goodyear@cne-escutismo.pt)

### Colaboraram nesta edição:

Carlos Nobre (Região do Porto)  
José Carlos Pinheiro (Região do Porto)  
Matilde Santos (Região do Porto)  
Paulo Valdez (Região de Coimbra)  
Pe. Renato Poças (Região do Porto)  
E a participação especial do Prof. João César das Neves –  
Universidade Católica – Lisboa  
Ilustração da capa – João Angélico

